

“O doutor Kenneth Mathews é um formidável estudante das Sagradas Escrituras, que sempre ensina a Bíblia com vistas à sua proclamação. Nessa vigorosa exposição, ele nos mostra que Levítico, apesar de negligenciado atualmente em muitos púlpitos, não é apenas teologicamente fundamental como também eminentemente pregável. Uma importante contribuição a essa série.”

Timothy George, deão da Beeson Divinity School, Samford University e editor sênior da *Christianity Today*

“Ken Mathews é um respeitado estudioso e um expositor fiel. Ambas as competências estão refletidas nesta obra sobre Levítico. Mathews traz à vida as maravilhosas verdades de um livro intimidador e que, por essa razão, faz com que muitos o ignorem. Este livro é uma adição muito bem-vinda a essa excelente série. Leia-o e seja abençoado. Use-o e abençoe o seu povo.”

Daniel L. Akin, Reitor do Southeastern Baptist Theological Seminary, Wake Forest, Carolina do Norte

“Com este tratamento iluminador, Kenneth A. Mathews está entre os poucos estudiosos que sabem discorrer sobre os textos legais do Antigo Testamento com estimada vivacidade, e essa vivacidade é brilhantemente evidenciada pelo modo como trata do tema da *santidade* em Levítico. Seu novo comentário esclarece o texto para a pregação do evangelho, considerando os ritos e as esperanças do Antigo Testamento como pano de fundo. Um estudo excelente.”

James Earl Massey, deão emérito e professor convidado da Anderson University School of Theology

“O doutor Mathews mostra-nos algo do que Cristo quis dizer quando ele falou a respeito de Moisés, ‘Ele escreveu a meu respeito’ (Jo 5.46). Ele demonstra que Levítico é um livro que prefigura as riquezas de Cristo, o cumpridor. O pregador encontrará farto auxílio neste comentário para a tarefa de mostrar que Levítico jamais deve ser tratado como um conjunto maçante de prescrições legais para um Israel antigo, mas que é surpreendente, interessante, bem como relevante para a vida cristã.”

Graeme Goldsworth, palestrante convidado de Hermenêutica do Moore Theological College, Sydney, Austrália; autor de *Preaching the whole Bible as Christian Scripture* e *Gospel-centered hermeneutics*

Estudos bíblicos
expositivos em

Kenneth Matthews

Levítico

DEUS SANTO, POVO SANTO



Aos meus pastores
C. E. Colton (1959-1975), um modelo de humildade
W. A. Criswell (1980-1989), que demonstrou perseverança
Charles T. Carter (1989-1997), que manifestou sabedoria
Danny Wood (1997 - presente), que demonstra coragem

“Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o SENHOR.”

Levítico 19.18

SUMÁRIO

<i>Prefácio e agradecimentos</i>	9
1. Ouvindo Deus antes de vê-lo (1.1)	15
2. Compromisso (1.2-17).....	23
3. Obrigado, Senhor! (2.1-3.17)	35
4. Purificando a alma (4.1-5.13)	45
5. Livres da dívida (5.14-6.7)	57
6. O manuseio das coisas sagradas (6.8-7.38)	69
7. O mediador (8.1-36).....	83
8. A glória do Senhor (9.1-24).....	95
9. A missão sacerdotal (10.1-20).....	105
10. Um jantar com Deus (11.1-47).....	117
11. Nascido na família da fé (12.1-8).....	127
12. Profundamente santo (13.1-15.33).....	137
13. O Dia da Expição (16.1-34).....	149
14. Honrando Deus à mesa (17.1-16)	161
15. A santidade da família (18.1-30 e 20.1-27).....	175
16. A vida cristã diária (19.1-37).....	189
17. Elevando o “santo” padrão (21.1-22.33)	201
18. Dia santo ou feriado? (23.1-3).....	215
19. Adoração para todas as épocas (23.4-44)	227
20. A sagrada presença de Deus (24.1-23)	239
21. Finalmente livres! (25.1-55).....	251
22. A graça tem a última palavra (26.1-46).....	265
23. Promessas (27.1-34).....	277

PREFÁCIO E AGRADECIMENTOS

Tenho uma dívida de gratidão para com o doutor R. Kent Hughes, editor-geral da série “Preaching the Word”, pelo convite que me fez para contribuir com este volume. É um reflexo do seu ministério como erudito e pastor que ele tenha convidado um professor de seminário para escrever sermões sobre o livro de Levítico. Estudiosos do Antigo Testamento são inclinados a fragmentar a Bíblia, tratando o Antigo Testamento como um testemunho independente, alheio à mensagem neotestamentária do evangelho. Pastores sabem instintivamente que isso é um equívoco. Mediante a experiência da pregação semana após semana, eles reconhecem o testemunho abrangente do Antigo e do Novo Testamento a respeito de Jesus como Senhor e Salvador.

Ainda assim, aceitar que o Antigo Testamento é interpretado e apresentado como Escritura cristã não é tão simples. A definição precisa do relacionamento entre os Testamentos tem sido um desafio de longa data na história da igreja. A polarização na abordagem desse desafio é reveladora. O pêndulo pende na direção da descrição em vez da proclamação quando as Escrituras hebraicas são consideradas meramente como a história do desenvolvimento da religião de Israel. Esse é o pecado do intérprete de hoje. Jesus torna-se apenas um algo a mais, como quando melhoramos o desempenho de um computador acrescentando-lhe mais memória. Por outro lado, a perspectiva oposta, que anteriormente dominou a igreja, peca pelo excesso. Ela encontrava em cada versículo alguma alusão oculta a respeito de Jesus, ignorando o testemunho ímpar das Escrituras do Antigo Testamento. A consequência involuntária foi relegar o Antigo Testamento ao asilo, tornando-o divertidamente antiquado e efetivamente obsoleto para os cristãos. O meu desafio foi navegar entre esses dois abismos interpretativos ao pregar sobre o tão impopular livro de Levítico.

Digo impopular porque o clero em geral, e certamente os leigos, não estão bem certos quanto ao que fazer com o Antigo Testamento, especialmente com livros como Levítico. Certo religioso ligado a uma grande denominação lamentou a “abordagem simplista e descontextualizada da Bíblia” quando se trata de Levítico, evidenciada por tantos que tentam “justificar”

os ensinamentos desse livro. Ele ressalta, “Então percebi qual poderia ser o problema. O Livro de Levítico aparece uma única vez no Lecionário comum revisado [um lecionário ecumênico], e ainda assim consiste numa pequena leitura truncada do capítulo 19, para fazer referência ao versículo 18 [“amarás o teu próximo como a ti mesmo”]. Veja, se Levítico nem sequer foi lido em suas igrejas, que dirá pregado. Não é de admirar que eles não consigam lidar com o Antigo Testamento!”¹ Mas, para que não pensemos que os evangélicos fazem um trabalho muito superior, um dos nossos principais estudiosos do Novo Testamento, que também é pastor, comenta a escassez da pregação completa da Bíblia ao dizer, “Nossos pastores transformam-se em moralistas, iguais àquelas figuras que, semana após semana, dão conselhos em colunas de jornal sobre como viver uma vida feliz”.² Ou então, quando não estão moralizando o Antigo Testamento, alguns púlpitos se satisfazem com alegorias, utilizando-se da “livre associação” de palavras, ou estão contentes em vê-lo como um relato descritivo da história da religião israelita que é, por sua vez, abandonado em função da “história de verdade” do Novo Testamento.

Esse problema ocorre por causa da natureza literária de Levítico. Ele é preconcebido como um catálogo de leis, quando é, na realidade, uma narrativa, parte de uma história extensa que vai da criação em Gênesis à mensagem final de Moisés ao povo de Deus no livro de Deuteronômio. Há, obviamente, muitas leis ao longo do enredo de Levítico quanto ao relacionamento correto entre Deus e seu povo redimido. A palavra “leis”, contudo, traz à mente o conceito atual de legislatura e observância de leis, o que é enganador. Esse obstáculo precisa ser superado também. Outra falsa suposição sobre Levítico é que o livro é primordialmente para pastores e ministros, não para leigos. Na verdade, muito pouco é especificamente dirigido aos sacerdotes (caps. 21 e 22), sendo que a maior parte do texto é destinada ao povo de Israel.

No entanto, penso que, apesar dos desafios, a congregação aprecia o livro de Levítico quando o pregador lhe dá essa oportunidade. O problema deve estar mais do lado dos pregadores do que dos leigos, em rejeitar uma compreensão do significado teológico desse livro para a vida cristã. Os cristãos leem as leis com uma sensibilidade espiritual que transcende o aprendizado teológico. Quando leem livros como Levítico, sua intuição cristã lhes diz que não deveriam imitar tudo o que se encontra nas leis. O mais óbvio são as regulamentações sacrificiais. Por outro lado, quando leem as leis, eles “ouvem” a voz de Deus (Jo 10.27) e compreendem com a mesma medida de convicção que há algo a ser aprendido. O que desencoraja

¹ Malcolm Falloon, responsável pela Latimer Fellowship.

² Schreiner, T. “Preaching and biblical theology”. *Southern Baptist theological journal*. 10 (2006): 20.

ministros e leigos é entender exatamente como operam a continuidade e a descontinuidade entre a vida de Israel do Antigo Testamento e a experiência cristã do Novo Testamento.

Minha abordagem ao problema da pregação de Levítico como Escritura cristã é reconhecer o que o Senhor deu a entender (Lc 24.27,44; cf. Jo 1.45; At 26.22; 28.23) e o que a história da igreja ensinou. O que dá sustentação à Bíblia é a proposição comum “Assim diz o Senhor”. É uma proclamação coerente declarada pelos profetas e apóstolos de Deus que contém a mesma mensagem teológica essencial. Jesus Cristo é o centro, e, a partir do seu evangelho, toda a proclamação bíblica emana – o Antigo Testamento espera por ele, e o Novo Testamento culmina nele. Você, como leitor, precisa avaliar se os sermões nesse livro honram a individualidade do testemunho de Levítico *bem como* seu papel no coro de testemunhas que ressoam por toda a Bíblia.

Fui auxiliado por algumas pessoas na produção deste livro. Foi um imenso prazer trabalhar com Ted Griffin, editor sênior da Crossway Books, dentre outros dessa competente equipe que fizeram melhorias ao manuscrito. Reconheço também, com gratidão, o encorajamento dos meus colegas da Beeson Divinity School que consideraram a importância dessa tarefa. Agradeço igualmente aos meus alunos de diversos seminários de doutorado em ministério, que concordaram comigo que “se uma pessoa consegue pregar efetivamente sobre Levítico, ela conseguirá pregar sobre qualquer outro ponto da Bíblia”. Ademais, pelo fato de este livro ser dedicado aos ministros que têm sido meus grandes pastores espirituais, eu gostaria de agradecer àquele que representa esse conjunto – o pastor da minha igreja, o doutor C. E. Colton, ex-ministro da Royal Haven Baptist Church, em Dallas, Texas. Foi uma bênção ter tido um pastor que exemplificou para mim as duas características mais importantes de um pastor. Ele era um guia espiritual compassivo e um pregador bíblico coerente. Por fim, quero agradecer às duas pessoas mais importantes da minha vida, que contribuíram enormemente para a minha vida como ministro – minha mãe, Margaret Mathews, que com 90 anos de idade permanece ainda firme como professora da Bíblia na igreja da minha mocidade, e minha esposa, Dea Grayce Mathews, exemplo do dom espiritual do encorajamento e amor sacrificial.

Kenneth A. Mathews
20 de janeiro de 2009

LEVÍTICO



Deus santo, povo santo

1

OUVINDO DEUS ANTES DE VÊ-LO

Levítico 1.1



Deus disse que deveríamos crer, e uma vez crendo, poderíamos ver.

Nossa cultura ocidental orientada ao apelo visual funciona como dita o provérbio chinês: “Ouvir cem vezes a respeito de algo não é tão bom quanto vê-lo uma única vez”.¹ Costumamos dizer, “Só acredito vendo”. Comumente, damos prioridade ao que pode ser visto sobre o que pode ser ouvido. Câmeras amadoras e câmeras de vigilância já flagraram acidentalmente acontecimentos que acabaram sendo transmitidos como parte de nossa cultura da “realidade”. Talvez sejamos pegos de surpresa pela figura bíblica do Deus que fala antes que mostre a si mesmo. Na criação, Deus falou e o mundo veio a existir, e no Sinai, o Senhor estabeleceu a nação de Israel por meio de sua palavra de autoridade (Gn 1; Êx 20). O Novo Testamento nos ensina que a fé vem pela pregação, e que essa pregação promove a fé em coisas que não se pode ver (Rm 10.14-17; Hb 11.1). Jesus exaltou aqueles que haviam ouvido a respeito da sua ressurreição e crido, apesar de não o terem visto. “Disse-lhe Jesus [a Tomé]: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram” (Jo 20.29).

Quando Deus fala

Levítico começa do mesmo modo, priorizando a palavra do Senhor (1.1). O livro continua o relato prévio de Êxodo 40.34-35, que descreve a conclusão

¹ *The Columbia world of quotations*. Nova York: Columbia University Press, 1996. Disponível em <http://www.bartleby.com/66/24/2324.html>.

da construção da tenda da congregação no monte Sinai. Levítico tem início com Deus convocando Moisés a ouvir sua palavra proclamada “da tenda da congregação”.² O que o Senhor criou no Sinai foi uma nação formada a partir de um relacionamento de aliança (ou pactual) de confiança, e ele edificou um lar em meio ao povo para que fosse o lugar da sua habitação – isto é, “a tenda da congregação”. Numa palavra, ele estabeleceu um relacionamento com os escravos que antes haviam estado presos no Egito. Esse relacionamento era baseado na redenção que ele obteve para eles mediante o sangue do cordeiro pascal. A salvação precedeu o relacionamento. No mar Vermelho, o Senhor livrou o seu povo dos exércitos egípcios.

A “tenda da congregação” era portátil. Aos olhos de Israel, ela era o epicentro transitório do mundo. Um marco zero portátil, por assim dizer, de modo que o foco da atenção de Israel estivesse sempre direcionado para o tabernáculo, que era o centro da vida deles por onde quer que fossem. Nas famílias norte-americanas, a lareira e o seu entorno costumava ser o centro básico da família, onde as refeições eram preparadas e onde a família desfrutava de sua luz e calor. Hoje em dia, as salas de estar das nossas casas têm o centro de entretenimento como ponto focal. O centro da vida nacional na antiga Israel era o tabernáculo, um lembrete visual da presença de Deus. Ele era o núcleo da experiência e identidade israelitas.

Antes que o povo partisse rumo à terra prometida, na Palestina (antiga Canaã), o Senhor falou da tenda. O livro de Levítico é, essencialmente, a mensagem que Deus proferiu ao seu povo naquela ocasião, em meio aos preparativos para a partida deles. O ensinamento de Levítico era tanto revelador quanto regulamentador.³ Essa mensagem revelou mais a respeito do Deus deles, e também regulamentou o relacionamento que ele havia estabelecido com seu povo no êxodo. Em Levítico, vemos repetidamente que o Senhor “lhe disse” [a Moisés] (1.1).⁴ Moisés era o mediador entre a palavra de Deus e o seu povo e, como com nenhuma outra pessoa, o Senhor encontrava-se com Moisés: “Boca a boca falo com ele [Moisés], claramente e não por enigmas; pois ele vê a forma do SENHOR” (Nm 12.8). No Sinai, o monte foi envolto

² Nesse caso, “a tenda da congregação” refere-se ao tabernáculo (nesta obra referido por “tenda da congregação”), que estava localizado no centro do acampamento israelita; era o lugar de sacrifício e adoração dos israelitas. Havia também uma outra “tenda da congregação” fora do arraial, que consistia numa tenda temporária onde Moisés se encontrava com Deus para receber revelações (Êx 33.7-11; Nm 11.16-30).

³ Ross, A. P. *Holiness to the LORD*. Grand Rapids, MI: Baker, 2002. p. 62.

⁴ Sobre essa expressão e suas variações, ver Levítico 4.1; 5.14; 6.1; 7.22,28; 8.1; 10.11; 11.1; 12.1; 13.1; 14.1,33; 15.1; 16.1-2; 17.1; 18.1; 19.1; 20.1; 21.1,16; 22.1,17,26; 23.1,9,23,26,33; 24.1,13; 25.1; 27.1; cf. “ordenou a Moisés” e suas variações em 7.38; 8.4,9,13,17,21,29,36; 9.5,10,21; 10.5; 16.34; 24.23; 27.34.

por uma nuvem identificada como “a glória do SENHOR”, e de dentro dela o Senhor falou a Moisés. A linguagem que inaugura o livro ecoa exatamente a revelação de Deus a Moisés no Sinai, conforme Êxodo 24.16: “E a glória do SENHOR pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias; ao sétimo dia, do meio da nuvem *chamou o SENHOR a Moisés*”. Moisés, de fato, adentrou a nuvem no cume do monte, e ali permaneceu por quarenta dias e quarenta noites (Êx 24.18).

Embora o povo tenha visto “a glória do SENHOR”, para eles não foi uma nuvem de revelação benevolente: “O aspecto da glória do SENHOR era como um fogo consumidor no cimo do monte, aos olhos dos filhos de Israel” (Êx 24.17). Atemorizados, eles se distanciaram do monte (Êx 24.17-18). No entanto, no livro de Levítico descobrimos que o povo alegremente contemplou “a glória do SENHOR” depois de os sacerdotes terem preparado o caminho instituindo os primeiros sacrifícios no tabernáculo:

[...] entraram Moisés e Arão na tenda da congregação; e, saindo, abençoaram o povo; e a glória do SENHOR *apareceu* a todo o povo. E eis que, saindo fogo de diante do SENHOR, consumiu o holocausto e a gordura sobre o altar; o que *vendo* o povo, jubilou e prostrou-se sobre o rosto (Lv 9.23-24).

Deus disse que deveríamos crer, e que por meio da fé poderíamos ver.

Do monte. No Sinai, o Senhor estabeleceu a aliança (ou o pacto) (Êx 20–24), deu instruções para a construção do tabernáculo (Êx 25–40) e as regulamentações encontradas no livro de Levítico. As palavras iniciais de Levítico assumem a localização no Sinai, e o livro é concluído com uma menção especial ao “monte Sinai” (27.34). O povo residiu ao redor do monte por cerca de um ano e meio (cf. Êx 19.1-2; Nm 10.11). Durante esse período, o Senhor forneceu os regulamentos para a adoração e a santidade em Levítico no intervalo de um mês (Êx 40.17; Nm 1.1). A importância do “Sinai” para o cenário de Levítico demonstra a magnitude estratégica da revelação que Deus deu quanto à adoração e à santificação. Aquele era o lugar da revelação, da promessa e de comando. Foi o primeiro lugar em que Moisés encontrou o Senhor (Êx 3.1-4; At 7.30) e o lugar de onde o Senhor deu a Israel as duas tábuas dos Dez Mandamentos (Êx 31.18). O sermão do monte (Mt 5–7) tinha significado paralelo para os cristãos. Foi o lugar da revelação. Jesus ilustrou o perfil da correta cidadania para os cidadãos do reino. Além disso, a transfiguração de Cristo ocorreu num monte (Mt 17.1-8). E ali, também, uma nuvem desceu sobre Jesus e seus discípulos, através da qual o Pai falou. A face de Jesus e suas vestimentas irradiaram a brilhante

glória de Deus. Jesus, sendo o Filho de Deus, incorporou a glória do Senhor como Deus verdadeiro (2Pe 1.16-18).

Israel associava “Sinai” com a majestade de Deus, cuja presença abalava a terra e cuja voz era semelhante ao trovão (Êx 19.16-19; 20.18-21; Dt 4.11-12). A fumaça e o fogo do aparecimento divino na montanha marcaram para sempre a visão que o povo teve da refulgente glória de Deus (Sl 104.32; Hc 3.6). O próprio Moisés ficou completamente paralisado de medo (At 7.32; Hb 12.21). Porém, nós que conhecemos o Senhor Jesus não vamos ao monte Sinai atemorizados. O escritor da Epístola aos Hebreus declara que nós, que conhecemos a Cristo, chegamos ao monte Sião celestial, a morada celeste de todos os que têm fé no Senhor (Hb 12.18-24). Não estamos tomados de medo; pelo contrário, temos confiança no destino eterno para o qual nossa peregrinação aqui na terra nos levará. Essa cidadania celestial foi conquistada mediante o derramamento de sangue do nosso Senhor Jesus Cristo.

Da tenda. Embora o Senhor fosse lembrado pela sua revelação no monte, o povo não poderia permanecer parado ali se tivesse de receber a provisão de Deus da terra prometida. O monte era imóvel. Não haveria outros “Sinais” ao longo do caminho no deserto. Portanto, o Senhor forneceu um “Sinai” portátil, o santo tabernáculo onde Deus habitaria entre o seu povo, aonde quer que ele os levasse. Estamos familiarizados com as vantagens da portabilidade na nossa sociedade altamente tecnológica. Por exemplo, o popular iPod conectado ao computador permite que uma pessoa carregue até cinco mil músicas nesse pequeno dispositivo. A qualquer hora em que aquela nuvem que pairava sobre o tabernáculo se movesse, o povo sabia que era hora de partir para outra etapa da jornada. As regulamentações de Levítico estão encaixadas entre duas descrições de mudanças do tabernáculo, em Êxodo 40.36-38 e Números 9.15-23. Essas duas passagens são como delimitadoras dos textos que ressaltam a portabilidade do tabernáculo, mas que também reforçam a importância da presença de Deus no meio do seu povo. Eles não deveriam dar um passo sequer para longe da presença do Senhor. Moisés encontrava-se com Deus na tenda, e de lá recebia a segurança da presença e da palavra de Deus.

Que a revelação do Senhor a Moisés era tão autêntica na tenda quanto fora no monte Sinai foi demonstrado de dois modos. Primeiro, havia uma correlação entre as três divisões da tenda e os três círculos de santidade que levavam ao topo da montanha.⁵ A tenda consistia de duas salas, separadas por uma cortina. A sala mais interior era conhecida como “o Santo dos Santos”, e a sala exterior era simplesmente “o Santo Lugar” (Êx 26.33). A terceira

⁵ Milgrom, J. *Leviticus 1-16*. Anchor Bible. Nova York: Doubleday, 1991. p. 142, 143.

divisão era o pátio que circundava a tenda (Êx 27.9). De modo correspondente, no topo do monte, assim como no Santo dos Santos, o Senhor falava, e ninguém poderia aproximar-se de Deus no cume do monte, exceto Moisés. Do mesmo modo, apenas o sumo sacerdote poderia adentrar o Santo dos Santos (Êx 19.20; 25.22; Nm 7.89). Abaixo do pico estava a nuvem à qual Moisés e os anciãos de Israel subiram. Ela corresponde ao Santo Lugar, a sala que os sacerdotes poderiam acessar para auxiliar o sumo sacerdote nos seus deveres (Êx 20.21; 24.1-2,15-16). Por último, havia o “pé do monte”, onde o povo permanecia (Êx 19.17; Dt 4.11). Esse era equivalente ao pátio onde os leigos poderiam entrar para sacrificar e adorar (Lv 1.3; 8.3).

Segundo, a fisionomia de Moisés depois de ele ter falado com Deus lembrava o tempo que havia passado no monte. Sempre que Moisés entrava na presença do Senhor, sua face resplandecia da mesma maneira que havia acontecido inicialmente depois que desceu do monte. Sua face refletia a refulgente glória do Senhor (Êx 34.29-35). A importância das palavras iniciais de Levítico é que Deus continuava a falar, embora os quarenta dias de revelação no monte tivessem chegado ao fim.⁶ O Senhor continuou a sustentar o seu povo, a despeito da proximidade com o monte. Por meio dessa presença perpétua em meio ao seu povo, o Senhor assegurava intimidade entre ele e Israel. Essa presença contínua do tabernáculo assegurava a Israel provisão e proteção ininterruptas.

Deus fez a mesma provisão para nós como cristãos, mas de maneira muito mais pessoal. O apóstolo João evocou a imagem da tenda quando declarou, “o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14). O termo “habitou” é a tradução do termo grego (*skenoō*), que está relacionado à palavra “tenda” (*skene*), na nossa passagem. Nosso Senhor Jesus Cristo se fez carne – o Deus encarnado – que fez sua tenda entre nós. Por meio dessa habitação, o Senhor exibiu a glória de Deus. Enquanto no passado Deus se revelava por meio de sonhos, de visões e dos profetas, agora ele revela a si mesmo de maneira singular, mediante a encarnação do seu Filho. Jesus é a própria expressão do próprio Deus – inteiramente Deus e inteiramente homem (Hb 1.1-4). Não há opção para os cristãos incluírem outra figura religiosa ao lado do Senhor Jesus. Não pode ser “Jesus e César”, ou “Jesus e Maomé”.⁷ Ao tornar-se um ser humano, nosso Senhor Jesus nos assegurou, como seres humanos, a salvação de Deus para todos aqueles que ouvirem o evangelho e crerem nele.

⁶ Auld, G. “Leviticus: After Exodus and before Numbers”, *The Book of Leviticus: Composition and reception*, org. R. Rendtorff e R. Kugler. Leiden: Brill, 2003. p. 41-54, esp. p. 43.

⁷ Borchert, G. *John 1-11*. New American commentary. Nashville: Broadman & Holman, 1996. p. 121.